

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)**

**INFÂNCIA E GÊNERO: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO CONTO “FLOR,
FLORES E FERRO RETORCIDO”, DE NATÁLIA BORGES POLESSO**

Karine David Rozendo da Silva¹
Micaela Sá da Silveira²

RESUMO

A literatura contemporânea tem se destacado por ampliar o espaço de representatividade das mulheres, apresentando narrativas que abordam experiências e vivências antes relegadas à margem. É neste cenário que está inserida a obra *Amora* (2015), de Natália Borges Polesso, objeto do nosso estudo. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar o conto “Flor, Flores e Ferro Retorcido”, da obra mencionada, discutindo como a construção de gênero, sexualidade e infância se cruzam para evidenciar a imposição e o questionamento de normas sociais. Para fundamentar a análise literária, apoiamo-nos em Judith Butler (2018), que trata o gênero como uma construção social performativa, Pierre Bourdieu (2012), que explora a naturalização das normas sociais de gênero, Adrienne Rich (1980), que introduz o conceito de heteronormatividade compulsória, além de outros autores e autoras. Os resultados indicam que a representação de Flor, uma personagem que destoa das expectativas sociais de gênero e sexualidade, serve como ponto de partida para questionamentos e, simultaneamente, perpetuação de estereótipos e preconceitos, evidenciando como o silêncio e a desinformação influenciam a visão de mundo das crianças.

Palavras-chave: literatura contemporânea; mulher; relações de gênero; criança.

ABSTRACT

Contemporary literature has stood out for expanding the space of women's representation, presenting narratives that address experiences and lives once relegated to the margins. *Amora* (2015) by Natália Borges Polesso, the focus of our study, is set within this context. This work aims to analyze the short story "Flor, Flores e Ferro Retorcido" from *Amora*, discussing how gender construction, sexuality, and childhood intersect to reveal both the imposition and questioning of social norms. To support this literary analysis, we draw on Judith Butler (2018), who addresses gender as a performative social construct, Pierre Bourdieu (2012), who explores the naturalization of gender norms, and Adrienne Rich (1980), who introduces the concept of compulsory heterosexuality, among other authors. The results indicate that the representation of Flor, a character who deviates from social expectations of gender and sexuality, serves as a

¹Graduanda do curso de Letras Português na Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: silvakarine2711@gmail.com.

²Orientadora, Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: micaela.sa@ufersa.edu.br

starting point for both questioning and perpetuating stereotypes and prejudices, highlighting how silence and misinformation influence children's worldview.

Key words: woman; gender relations; child.

1 INTRODUÇÃO

A literatura escrita por mulheres, durante muito tempo, foi deixada em segundo plano no cânone literário, que sempre deu preferência às obras escritas por homens. Esse domínio masculino no campo das artes e da produção intelectual resultou na marginalização de vozes femininas.

Historicamente, a literatura era considerada uma tarefa exclusiva dos homens, que determinavam o que era considerado uma obra de arte de valor. O sistema patriarcal não apenas limitou a produção literária escrita por mulheres, mas também estabeleceu uma perspectiva androcêntrica do mundo, na qual as mulheres eram retratadas por papéis estabelecidos pela sociedade dominada pelos homens.

No entanto, a partir do século XX, principalmente com o surgimento dos estudos feministas, essa exclusão começou a ser questionada. Desse modo, a luta por reconhecimento das escritoras também trouxe à tona discussões acerca da maneira como as vivências das mulheres eram retratadas nos textos canônicos, ou seja, a representação limitada da mulher, definida pelos valores patriarcais como a submissão, o papel doméstico e a objetificação.

Nesse sentido, a literatura contemporânea também expande as discussões em torno da diversidade de vozes e experiências, buscando um rompimento com a hegemonia masculina, especialmente através da produção literária de mulheres que tem se sobressaído ao trazer à tona temas que, durante muito tempo, foram vistos como marginalizados ou invisíveis na narrativa literária predominante. Entre os temas recorrentes na literatura contemporânea, destacam-se as discussões sobre a identidade de gênero, a sexualidade, as desigualdades sociais e o questionamento das estruturas de poder, temas que ecoam as mudanças e tensões vividas pelas sociedades atuais.

Neste cenário, destaca-se a obra *Amora* (2015), de Natália Borges Polesso, particularmente pela sua perspectiva sobre a representação das mulheres e suas relações afetivas com outras mulheres. O livro, dividido em duas seções – "Grandes e Sumarentas", contendo vinte e sete contos, e "Pequenas e Ácidas", contendo seis contos –, apresenta um total de trinta e três histórias que abordam a multiplicidade de envolvimento afetivos e sexuais entre mulheres.

Polesso tem uma produção literária marcada por uma perspectiva política e estética focada na visibilidade de personagens lésbicas e na diversidade de experiências de mulheres.

Ela explora temas como identidade, sexualidade e interseccionalidade, buscando desafiar estereótipos e construir narrativas que valorizem a pluralidade das vivências lésbicas. A autora considera sua escrita como um ato político, intencionado a expandir a representatividade na literatura brasileira. Polesso destaca que o desejo de “dar voz” a personagens que amam outras mulheres é uma forma de questionar a heteronormatividade e apresentar novas formas de subjetividade.

Nascida em 6 de agosto de 1981, na cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Polesso concluiu seu doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2017 e, hoje, atua como pesquisadora no Programa Nacional de Pós-Doutorado na Universidade de Caxias do Sul. Além de *Amora* (2015), a escritora Natália Borges Polesso produziu outras obras notáveis, como *Recortes para Álbum de Fotografia sem Gente* (2013), que lhe rendeu o Prêmio Açorianos de Literatura (2016), *Coração à Corda* (2015) e *Controle* (2019), seu primeiro romance solo publicado pela Companhia das Letras. A autora Polesso possui ainda várias publicações acadêmicas e, em 2017, foi escolhida para antologia *Bogotá 39*, que congrega os 39 (trinta e nove) escritores mais promissores da América Latina, além das mais recentes obras *Corpos Secos* (2020), *A Extinção das Abelhas* (2023) e *Condições Ideais de Navegação para Iniciantes* (2024), ampliando a sua produção na literatura contemporânea.

Dentre as narrativas presentes em *Amora* (2015), o conto escolhido para análise é “Flor, Flores e Ferro Retorcido”. Neste texto, uma mulher adulta revisita sua infância, refletindo sobre as memórias que a moldaram e a forma como as relações de gênero e sexualidades foram percebidas naquele período de sua vida. A protagonista inicia o conto lembrando de Flor, uma vizinha, que marcou a sua infância, diante de um episódio de homofobia que a protagonista, ainda na infância, não compreendia. Assim, o enredo envolve temas como a descoberta da identidade de gênero, a curiosidade infantil e a maneira como as crianças assimilam e reproduzem as opiniões dos adultos ao seu redor.

Diante disso, o objetivo principal deste estudo é analisar como a construção da personagem Flor provoca questionamentos sobre a noção de gênero, especialmente no que diz respeito à percepção infantil e à representação de mulheres que fogem aos padrões de tradicionais de gênero e sexualidades. Os objetivos específicos, por sua vez, são: explorar como as normas de gênero influenciam as percepções e comportamentos na infância, com ênfase nas relações familiares e sociais; investigar a representação de personagens mulheres que destoam dos padrões convencionais esperados pela sociedade normatizada; e analisar os processos de internalização de estereótipos e preconceitos pelas crianças, evidenciando o impacto da desinformação e do silêncio na formação de identidades de gênero e sexualidades.

A hipótese levantada para esse estudo é que a narrativa não apenas demonstra como as crianças percebem e interpretam os papéis de gênero, mas que desde a infância elas são expostas a padrões e expectativas sociais que formam suas percepções sobre o que é ser homem ou mulher. Essas influências, muitas vezes oriundas do ambiente familiar, são absorvidas e não questionadas, intensificando os preconceitos na sociedade.

Nesta análise literária, fizemos uma leitura dos elementos literários e discursivos envolvidos na construção da personagem Flor – que é extremamente relevante para a narrativa. A escolha do conto, no universo da obra, se justifica pela sua importância na discussão acerca da construção de gênero, visto que suas nuances e complexidades oferecem um rico campo de investigação.

No que se refere aos aspectos teóricos que embasam a leitura proposta, consideramos a produção de Judith Butler (2018), sobretudo ao afirmar que o gênero não é uma característica inata, mas uma performance moldada por normas sociais, sendo reiterada através de comportamentos e discursos. Além disso, Pierre Bourdieu (2012) ao explicar como essas normas de gênero são naturalizadas na sociedade, operando de forma quase invisível, mas extremamente eficaz, na reprodução de hierarquias e papéis sociais. Além de outros autores e autoras que subsidiam a leitura que é realizada no conto, a partir de teorias que ajudam a compreender como a percepção de gênero é construída desde a infância e influenciada pelas expectativas familiares, culturais e sociais.

O texto está organizado em quatro seções, além desta a introdução. O tópico que situa a literatura de autoria feminina e a obra em questão; os aspectos teóricos, que apresentam as principais discussões sobre gênero e identidade; a análise do conto "Flor, Flores e Ferro Retorcido", com foco na construção da personagem Flor e sua relação com a percepção de gênero na infância; e as considerações.

2 QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA LITERATURA ESCRITA POR MULHERES

Desde a infância, as crianças são expostas a padrões e expectativas sociais que formam suas percepções sobre o que significa ser homem ou mulher. As influências familiares, educativas e da mídia são fundamentais neste processo, uma vez que transmitem valores e atitudes que as crianças assimilam desde cedo. Através das interações com pais, educadores e figuras públicas, elas absorvem conceitos que direcionam suas concepções sobre como meninos e meninas devem se comportar, se vestir e se relacionar com o mundo.

Essas normas são convenções sociais que seguem sendo repassadas no ambiente familiar, local em que essa socialização intensifica e, muitas vezes, perpetua as desigualdades entre homens e mulheres. De acordo com Carvalho e Melo (2019), as relações familiares persistem como um mecanismo de imposição desses papéis, contribuindo para a perpetuação das desigualdades sociais de gênero.

Sobre essa perspectiva, Judith Butler (2018) afirma que a identidade de gênero não é uma característica biológica ou fixa, mas uma construção social e cultural em constante transformação. Isso desafia a visão tradicional de que o gênero está automaticamente vinculado ao sexo biológico, destacando que a identidade de gênero é moldada por influências sociais, culturais e históricas. Ainda sobre esse aspecto, Carvalho e Melo (2019) observam que, apesar das transformações nas dinâmicas familiares e sociais, os papéis de gênero continuam sendo reproduzidos, muitas vezes, de forma inconsciente, perpetuando desigualdades. Assim, as percepções de gênero que as crianças adquirem durante a infância são parte de um processo contínuo de construção e ressignificação.

Esse processo social de construção da identidade de gênero e percepção sobre as orientações sexuais também se manifestam na maneira como as mulheres e outras minorias de gênero são retratadas na literatura. Historicamente, as mulheres foram relegadas a papéis de segundo plano, limitadas a representações de submissão e dependência, o que reforçava as normas sociais de gênero que as crianças absorvem. Com o passar do tempo, a inclusão de vozes de mulheres na literatura começou a problematizar essas normas, apresentando uma nova perspectiva sobre a identidade de gênero e de sexualidades nas vivências entre pessoas de mesmo sexo.

Além disso, ao longo da história da literatura, o cânone foi fortemente influenciado pela visão do homem, a qual definia os padrões para o que poderiam ser classificados como uma obra literária digna de apreciação. Essa dinâmica resultou na exclusão de diversas vozes, especialmente a produção literária escrita por mulheres do século XIX e início do século XX, cujas obras eram frequentemente desconsideradas ou subestimadas no cenário literário. Essa exclusão não apenas silenciou importantes narrativas escritas por mulheres, mas também limitou a diversidade da literatura, tendo em vista que as suas experiências e visões de mundo não eram contempladas nas obras incluídas no rol daquelas que deveriam ser lidas. De acordo com Reis (1992), o cânone literário representa uma estrutura de poder que favoreceu escritores ocidentais, homens e brancos, intensificando a marginalização de mulheres e outros grupos. Ao ignorar e silenciar essas vozes, o cânone estabeleceu uma única perspectiva da experiência

humana, dominada pelo homem, enquanto as experiências das mulheres e outras visões marginalizadas foram negligenciadas.

Desde então, a produção literária de autoria das mulheres teve um papel fundamental na desestabilização da representação tradicional da mulher na literatura canônica promovendo uma diversidade de identidades e perspectivas que desafiam os estereótipos e a centralidade do sujeito masculino hegemônico (Zolin, 2009). Nesse sentido, a literatura feminina não apenas questiona as representações restritas, mas também redefine a própria identidade feminina, abordando seus desejos, ambições e trajetórias além do modelo patriarcal imposto. Segundo Tofanelo (2015);

A considerável produção literária de autoria feminina, a partir de então, teve o papel de desestabilizar a legitimidade tradicional da representação da mulher na literatura canônica, que em nada condizia com a grande multiplicidade de identidades femininas. Por isso, a crítica feminista cresce cada vez mais desde a década de 1980 no Brasil. O resultado de pesquisas embasadas nesta crítica aponta para uma reestruturação da própria identidade feminina representada na literatura, em seus desejos, ambições e trajetórias, afastando as mulheres do modelo tradicional, e por tanto tempo divulgado, imposto pelo sistema patriarcal. (Tofanelo, 2015, p. 4)

Nesse sentido, Tofanelo (2015) ressalta a importância da literatura escrita por mulheres na crítica às representações tradicionais. Assim, ao declarar que a literatura produzida por mulheres questiona a legitimidade dessas representações tradicionais, essa produção não só expande a variedade de experiências e perspectivas das mulheres, mas também desafia as normas patriarcais que moldaram a literatura ao longo da história. De acordo com Tofanelo (2015), essa produção literária é crucial para desafiar visões restritas sobre a mulher e refletir a diversidade das vivências e experiências das mulheres.

Durante os séculos XX e XXI, a literatura começou a viabilizar mais vozes femininas, permitindo que os leitores tivessem contato com essa nova produção. Essa progressão contribuiu para que as representações das mulheres na literatura se distanciassem em parte dos estereótipos restritivos e simplistas que prevaleciam anteriormente, ainda que certos elementos tradicionais persistam em algumas narrativas, pois, ao invés de serem percebidas como personagens superficiais, restritas a papéis como "mãe" ou "esposa", começaram a ser retratadas de maneira mais detalhada, com vidas e escolhas moldadas por interações complexas entre fatores pessoais, culturais e sociais. Essa mudança desafia os paradigmas tradicionais sobre o papel e a identidade das mulheres, permitindo uma exploração mais rica e realista das suas experiências e desafios.

Na esteira desse pensamento, é válido destacar que as personagens escritas por mulheres diferem significativamente das criadas por homens ao longo da história da literatura. Enquanto

os escritores frequentemente retratavam as mulheres em papéis restritos, focando em características como beleza, passividade e dependência, autoras brasileiras passaram a explorar uma gama mais ampla de experiências e emoções.

Escritoras brasileiras que precederam Natália Borges Polezzo abriram caminho para a representatividade das mulheres ao questionarem temas até então pouco abordados pela literatura tradicional. No século XIX, Júlia Lopes de Almeida e Maria Firmina dos Reis, por exemplo, introduziram reflexões sobre a condição social das mulheres, tratando de questões como educação e autonomia. Já no século XX, Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector exploraram as complexidades psicológicas femininas, dando voz a dilemas existenciais e questionamentos de gênero que enriqueceram a literatura brasileira. Essas e outras autoras ajudaram a construir um panorama literário mais plural, preparando o cenário para produções contemporâneas que, como as de Polezzo, ampliam ainda mais as perspectivas sobre gênero e diversidade.

No contexto da literatura contemporânea, que aponta uma visão mais expansiva da mulher, está localizada a obra *Amora* (2015), de Natália Borges Polezzo, destacando-se como exemplo dessa transformação. Polezzo reflete sobre a complexidade da representação literária do lesbianismo e as tensões entre ativismo e literatura. No que se refere ao processo de criação da obra, a autora descreve como uma escolha política e estética, cujo objetivo é apresentar representações mais plurais e repensar estereótipos sobre as personagens lésbicas. Conforme destaca:

Amora foi idealizado no interior de uma escolha que é política, porque se faz fundamental para mim como autora e leitora e que cumpre a função de expor representações mais plurais. A escolha também se faz estética, pela mesma motivação: revisitar estereótipos para repensar o estar-no-mundo dessas personagens (Polezzo, 2018, p. 3).

Polezzo aborda com seriedade assuntos relacionados à sexualidade, especialmente em suas diversas expressões lésbicas, enquanto discute os obstáculos impostos pelos padrões patriarcais. Essa abordagem gera um cenário no qual muitas de suas personagens aparentam ter liberdade para viver sem a pressão de normas sociais. Contudo, essa liberdade precisa ser questionada, uma vez que as personagens ainda são impactadas por influências sociais e culturais que formam suas identidades.

Apesar da obra de Polezzo possibilitar a representação de mulheres que questionam os papéis convencionais, as dinâmicas sociais continuam a ser perceptíveis. Muitas vezes, as personagens problematizam as pressões sociais que permeiam suas vidas, como evidenciado em outros contos da coletânea, em que a “heteronormatividade compulsória” se torna uma força

opressora. Estamos entendendo esse conceito a partir da discussão de Adrienne Rich (1980), ao aponta-lo como sendo a noção de que a heterossexualidade é imposta as mulheres como uma norma social obrigatória. Rich (1980) argumenta que isso não é apenas uma expectativa de comportamento sexual, mas também uma estrutura política que retira poder das mulheres forçando-as a um modelo heterocêntrico. Tal imposição apaga a existência de outras formas de vivências e orientação sexual, como a lésbica, e perpetua a subordinação das mulheres aos homens (Rich, 1980).

A obra de Polesso, particularmente no conto "Flor, Flores e Ferro Retorcido", demonstra um crescimento na percepção da interseccionalidade nas representações femininas. A interseccionalidade leva em consideração diferentes aspectos de identidade, como gênero, sexualidade, classe social e etnia, e como combinam-se e influenciam a experiência pessoal. Como afirma Bilge (2009):

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual (Bilge, 2009, *apud* Hidrata, 2014, p. 62).

Essa perspectiva é particularmente relevante no conto analisado, uma vez que as personagens apresentam vivências formadas por uma interseção de fatores sociais e culturais. No conto, Polesso expõe como as pressões sociais se sobrepõem, fomentando uma crítica às estruturas sociais que influenciam as vivências das mulheres. Apesar da narrativa não ter como objetivo discutir explicitamente as normas sociais, a representação das personagens reafirma um entendimento mais aprofundado das influências interseccionais que formam suas identidades. Essa abordagem possibilita que os leitores reflitam acerca da complexidade das vivências das mulheres, enfatizando que as relações entre as diversas facetas da identidade influenciam suas decisões e a maneira como se enxergam.

3 A PERCEPÇÃO INFANTIL E A QUESTÃO DE GÊNERO EM “FLOR, FLORES E FERRO RETORCIDO”

O conto "Flor, Flores e Ferro Retorcido", que integra o livro de contos na obra *Amora* (2015) de Natália Borges Polesso, apresenta uma narrativa de uma mulher adulta que volta ao passado e reflete sobre um evento marcante que aconteceu em sua infância, especificamente no ano de 1988, em um bairro pobre na divisa de Campo Bom e Novo Hamburgo.

No conto, a narrativa é conduzida por uma perspectiva infantil que impacta profundamente a construção da história. O ponto de vista da criança traz uma percepção ainda

desprovida dos preconceitos socialmente adquiridos, permitindo que a personagem principal observe Flor com uma curiosidade e fascínio que os adultos ao seu redor não compartilham. Esse olhar infantil, caracterizado pela abertura e pelo desejo de compreensão, revela uma visão de mundo que ainda não foi totalmente moldada pelos valores patriarcais. Ao captar essa perspectiva, o conto evidencia as imposições e limitações que desde cedo se apresentam às meninas, condicionando suas percepções e comportamentos em relação ao que é considerado socialmente aceitável ou não.

A narradora, ao lembrar essas memórias infantis, menciona figuras marcantes como Flor, Celoí, seu Kuntz, a família Klein e a sua própria mãe. Flor é uma das personagens mais relevantes da narrativa, pois é a principal memória da narradora. Descrita pela vizinhança como uma mulher "machorra"³, ela é vizinha da narradora e trabalha com ferro, lidando diretamente com o material em sua oficina. Flor, por sua aparência e jeito de ser, acaba sendo rotulada pelos vizinhos de forma preconceituosa, mas, para a narradora, ela é uma figura fascinante. Celoí, amiga de infância da narradora, também aparece como uma presença importante, pois é com quem a narradora compartilha momentos durante a infância. Seu Kuntz, por sua vez, é o dono de uma oficina mecânica, e a família Klein faz parte do entorno social da comunidade onde a narradora cresceu. A mãe da narradora é quem apresenta mais claramente seu preconceito, através de um discurso que aponta para uma tentativa de proteger a filha de influências que ela julga negativas, especialmente Flor.

Para iniciar a análise, pensemos acerca do título que estabelece uma ligação direta entre elementos do conto e as personagens. A palavra Flor designa o nome da vizinha "machorra", evoca leveza e naturalidade, em contraste com os eventos e circunstâncias que a cercam, por exemplo, o termo "machorra", que é um rótulo pejorativo atribuído a mulheres que se relacionam com outras mulheres. No entanto, para a narradora, ainda criança, Flor é uma pessoa misteriosa e encantadora, alguém cuja aparência e comportamento despertam sua curiosidade.

O termo "flores", no contexto da narrativa, faz referência ao gesto da narradora, que, ainda menina, oferece flores a Flor como símbolo de afeto e inocência, numa tentativa de "ajudá-la" com sua suposta "doença", algo que a mãe da narradora sugeriu de forma indireta e preconceituosa – como veremos adiante. Em contrapartida, o "ferro retorcido" carrega um significado mais profundo. O ferro é um material duro e resistente, geralmente associado à força

³ Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, “machorra” significa fêmea estéril, incapaz de procriar. Essa expressão carrega uma carga depreciativa e preconceituosa, refletindo estereótipos de gênero. **DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 03 nov. 2024.

e só pode ser moldado ou modificado sob altas temperaturas ou intensa pressão. Ao descrever o ferro como "retorcido", o título refere-se a algo que foi forçado a mudar de sua forma original, uma distorção causada por pressões externas.

No enredo do conto, a justificativa dada pela mãe da narradora para a “doença” de Flor é porque ela lida com ferro retorcido, introduzindo essa associação de "doença" com as percepções distorcidas da sociedade sobre gênero e sexualidade. O "ferro retorcido" também pode ser interpretado como uma metáfora para as pressões sociais que distorcem aqueles que não se encaixam nos padrões normativos de gênero e comportamento. Flor, por não corresponder às expectativas sociais, é vista como "distorcida" ou "fora do padrão" pela comunidade. Esse detalhe ressalta como a sociedade, muitas vezes, tenta moldar e controlar aqueles que fogem as suas normas, tal como se faz com o ferro para se adaptá-lo a uma forma desejada. O título conecta esses três elementos: Flor, a protagonista; flores, como símbolo de inocência e afeto; e ferro retorcido, que representa a resistência e o desvio das expectativas sociais.

Para além do título, o conto explora os aspectos de feminilidade e beleza atribuídos à personagem Flor. Embora seja rotulada de "machorra" pelo discurso preconceituoso de alguns vizinhos, a narradora se refere à beleza de Flor, mencionando os "olhos cor de mel" (Polesso, 2015, p. 61) e como o brilho das faíscas do transformador iluminam seus olhos, transformando-a na "flor mais bonita" que a narradora já viu (Polesso, 2015, p. 63). Esse detalhe demonstra uma atração e fascínio da narradora por Flor que transcende os rótulos que a sociedade lhe impõe. Desde o início da narrativa, quando a narradora afirma que a imagem mais marcante de sua infância é o rosto de Flor, fica evidente que a personagem ocupou um lugar significativo na vida da narradora. Flor é descrita como a figura mais marcante de sua infância, alguém cujo rosto ela viu "uma única vez e nunca mais esqueceu" (Polesso, 2015, p. 56).

Florlinda, conhecida como Flor, é uma personagem que não se encaixa nos padrões tradicionais de gênero, especialmente em um contexto fortemente normativo. Embora os anos 1980 tenham marcado um ponto de virada para as mulheres, com o início de movimentos que contestavam as convenções estabelecidas, ainda havia – e ainda há – uma expectativa de que as mulheres seguissem normas rígidas de feminilidade, como uma aparência cuidadosa e comportamentos de discrição e submissão. Essa época produziu, inclusive, textos literários que reproduziam ideias machistas e homofóbicas, reforçando visões violentas e limitantes sobre personagens mulheres e LGBTQIA+. Em contraste, a figura de Flor, que desafia essas normas, oferece uma perspectiva que questiona e desconstrói esses padrões, ao mesmo tempo que revela

a permanência de ideais tradicionais que continuam a moldar a visão social sobre gênero. Flor, por outro lado, destoava da imagem convencional da época, sendo descrita da seguinte forma:

Os cabelos crespos lhe escorriam como rios rebeldes pelos ombros. Talvez fosse o fato de estar sempre de chapéu e alpargatas que lembrasse um pouco o Renato Borghetti, o cara da gaita. Toda vez que penso naquele tempo e lugar e tento me lembrar do rosto das pessoas e talvez da voz, o que me vem de mais marcante é a imagem dela (Polesso, 2015, p. 57).

A imagem de Flor traz aspectos que ajudam a construir sua identidade: o cabelo crespo, associado à ideia de algo que foge ao controle, representa o distanciamento de Flor das normas sociais e estéticas, embora ela não as confronte diretamente. A comparação com Renato Borghetti, uma figura masculina, reforça essa desconexão com as expectativas impostas, pois ele simboliza o homem que se destaca no cenário musical, enquanto Flor é percebida como uma mulher à margem. Flor, ao ser vista como alguém que não se encaixa nos padrões, é estigmatizada, mas no texto não se apresenta como alguém que reaja ativamente a essa rejeição. Sua atitude reflete distanciamento e indiferença, sem buscar ajuste ou desafio às normas, aspecto evidenciado quando a narradora observa Flor com admiração e encantamento.

Uma cena importante no conto é a lembrança de um almoço na casa dos amigos dos pais da narradora, ocasião em que ela escuta uma conversa que a deixa confusa. Durante a refeição, um dos adultos se refere a Flor com o termo "machorra". A narradora, intrigada, pergunta o que significa a palavra, mas as reações dos adultos mostram um grande desconforto com o assunto:

O fato que mais se enraizou na minha memória desses almoços foi um dia em que ouvi a seguinte frase: como pode uma machorra daquelas? E eu, curiosa que era, rapidamente perguntei o que era uma machorra. Silêncio completo, minha mãe começou a rir de um jeito esquisito, era embaraço. Os homens coçaram a cabeça e se enfiaram rápidos dentro dos copos de cerveja que bebiam. A mãe da família Klein estava tão estarecida que aquela palavra tivesse ido parar na minha boca que começou a rir também. Minha mãe tentou remediar. Cachorra, minha filha, cachorra. Mas eu tinha certeza que tinha ouvido machorra e insisti. Eles mudaram de assunto e me ignoraram (Polesso, 2015, p. 57).

A mãe diz que "machorra" quer dizer "cachorra", mas a menina permanece curiosa e com a sensação de que havia algo oculto naquela fala. Mais tarde, sua mãe diz que a vizinha possui uma doença, quando na verdade ela estava referindo-se ao fato de Flor se relacionar com outras mulheres. Isso suscita ainda mais a curiosidade da menina, já que, pelo que tinha percebido, a vizinha não parecia doente. A mãe utiliza a palavra "machorra" por causa do constrangimento do preconceito que ela mesma internalizou. A utilização do termo "machorra", por parte da mãe, reflete não apenas uma hesitação em lidar com as questões de sexualidade,

mas também uma internalização de normas sociais que desaprovam relações afetivas e sexuais entre mulheres.

Essa atitude revela uma resistência em aceitar as orientações sexuais que divergem do padrão, pois acaba reforçando a ideia de que o amor entre mulheres é algo que deve ser escondido ou disfarçado. Quando a filha lhe faz uma pergunta direta, sua resposta é defensiva e incômoda; ao usar o termo "cachorra", ela não esclarece, ao contrário, perpetua uma linguagem ofensiva e desrespeitosa. Tal situação comprova que a mãe tem dificuldade de tratar dessas questões com respeito, pois na tentativa de suavizar uma ofensa, ela acaba reforçando outra. O uso do eufemismo "machorra" mostra uma relutância em confrontar preconceitos e uma falta de compreensão dos efeitos da linguagem.

Além disso, a caracterização da vizinha como “doente” fortalece uma visão estigmatizada da homossexualidade, sugerindo que o amor entre pessoas do mesmo sexo é algo patológico ou digno de compaixão, ao invés de ser uma expressão do afeto. Essa linguagem não apenas desumaniza a vizinha, mas também ensina à criança que o amor deve ser enquadrado dentro de normas rígidas de aceitação social. Quando a filha faz perguntas diretas, a defensividade da mãe reitera seu preconceito com as pessoas que amam iguais.

A falha no diálogo sobre orientação sexual é demonstrada pela recusa em oferecer uma explicação correta e respeitosa do que significa amar alguém do mesmo sexo. A curiosidade da menina pode se transformar em confusão e, possivelmente, em um entendimento distorcido das relações afetivas e sexuais. Assim, a interação entre mãe e filha revela um ciclo vicioso de desinformação e insegurança. Diante dessa justificativa da doença, a menina escolhe levar flores para Flor, o que é emblemático e revela a sua ingenuidade e falta de compreensão da situação. Para ela, dar flores é uma maneira simples de demonstrar apoio e cuidado, por acreditar que, de fato, Flor está doente:

Na manhã seguinte, eu fiz o que qualquer pessoa faria por um doente, ou o que eu entendia, na minha cabeça de criança, que qualquer pessoa faria: levei flores. [...] deixei também um bilhete desejando melhoras e pedindo que, por favor, colocasse as flores num vaso e devolvesse o copo, porque minha mãe poderia dar falta (Polesso, 2015, p. 60).

Esse gesto não é apenas um ato de compaixão, mas também uma expressão da visão limitada que a menina tem sobre a situação, moldada pela falta de informação e pelo ambiente familiar. A ausência de uma conversa clara sobre as nuances das relações que envolvem a diversidade sexual deixa a menina sem uma compreensão crítica dos preconceitos que envolvem Flor. Para ela, oferecer flores é um simples gesto que qualquer pessoa faria por

alguém que está mal, sem perceber que a "doença" mencionada por sua mãe é uma metáfora para a marginalização de Flor devido à sua sexualidade.

A ingenuidade da narradora enfatiza como a falta de diálogo construtivo entre pais e filhos pode deixar as crianças vulneráveis a interpretações errôneas sobre identidade, relações afetivas e amorosas. A ausência de uma explicação aberta sobre as relações lesbianas contribui para a perpetuação de estigmas e confusões, reforçando a ideia de que o amor entre pessoas do mesmo sexo é algo a ser tratado como tabu ou como uma "doença", ao invés de uma expressão legítima de afeto. Assim, a falta de clareza nas explicações dos pais cria uma visão distorcida sobre o que significa amar e ser amado, resultando em um ciclo de preconceito que pode se estender por gerações.

Em uma conversa com sua amiga, Celoí, a menina diz que a vizinha não tinha nenhuma doença, mas que era uma mulher "diferente", sugerindo que Flor gostava de outras mulheres:

Eu perguntei para a Celoí no dia seguinte e comentei sobre a história da doença. A Celoí revirou os olhos como quem chama alguém de ignorante, não disse nada, me pegou pela mão e me levou até o quarto dela, pegou um ursinho peposo e duas barbies. [...] esse é o homem e essa é a mulher, quando os dois se amam, vão para o quarto e ficam assim — e colocou um em cima do outro —, teu pai e tua mãe fazem isso e é por isso que tu existe e teu irmão também. Eu sacudi a cabeça e tentei acompanhar o raciocínio. Depois ela pegou as duas bonecas, fez a mesma coisa e disse que tinha gente que fazia daquele jeito. Isso é machorra, mas é feio falar isso, meu pai disse (Polesso, 2015, p. 61).

A interação entre a narradora e sua amiga Celoí mostra a tentativa de entender as relações de gênero e sexualidade dentro de um contexto infantil. A amiga está tentando traduzir conceitos complexos de forma lúdica, usando bonecas para explicar a dinâmica entre homens e mulheres. Ao dizer que "teu pai e tua mãe fazem isso e é por isso que tu existe", ela tenta estabelecer uma noção básica de reprodução e dos padrões de relações. No entanto, essa explicação também reforça a heteronormatividade, o que significa que as relações que não se encaixam nesse padrão são vistas negativamente ou que não existem outras formas de gravidezes.

Ainda no contexto dessa conversa, a narradora explicita que Seu Kuntz, pai de Celoí, que era uma pessoa reservada, poderia ser namorado de Flor, pois costumavam tomar chimarrão juntos. Quando mencionou isso a Celoí, a reação da amiga foi imediata e contundente:

Até pensei que eles fossem namorados e perguntei para a Celoí. Ela me deu um sopapo e irritada quis saber se eu não tinha aprendido nada com a explicação das bonecas. O fato era que bonecas eram bonecas, ursos eram ursos e machorras eram machorras. A Celoí tentou de novo: vamos ver, por exemplo, tu gosta mais de boneca ou de carrinho? Depende qual boneca e qual carrinho. A Celoí revirou os olhos daquele

jeito. Prefere dançar Xuxa ou brincar de pegar? Eu não sabia responder, porque tudo dependia e eu não estava entendendo aonde ela queria chegar. Tá bem, gosta de rosa ou azul? Gosto de verde. Meu deus, essa é sua última chance, gosta mais de mim ou do Claudinho? O Claudinho era um guri da rua que a Celoí achava lindo. De ti, é claro, eu respondi. Então tu é machorra, ela falou sem paciência (Polesso, 2015, p. 62).

A citação expõe, de forma nítida e até irônica, o processo de imposição de normas de gênero e a forma como estereótipos sobre feminilidade e masculinidade são naturalizados, mesmo entre crianças. Celoí, ao tentar classificar a narradora como "machorra", utiliza uma lógica binária e simplista para definir o que é aceitável dentro dos papéis de gênero. As perguntas que faz – se a narradora prefere bonecas ou carrinhos, dançar Xuxa ou brincar de pega-pega, rosa ou azul – revelam como a construção social do gênero é rigidamente vinculada a escolhas que, convencionalmente, determinam o lugar que a pessoa deve ocupar no espectro da feminilidade ou da masculinidade.

A narradora demonstra incertezas sobre suas decisões, respondendo, frequentemente, com "depende". Essa hesitação pode ser vista como reconhecimento da complexidade dos assuntos de gênero, demonstrando que pode ser percebido como se as categorias de masculinidade e feminilidade não estivessem totalmente fixas. Ao invés de se conformar automaticamente com as expectativas estabelecidas por Celoí, a narradora demonstra uma sutil oposição à dualidade simplista que está sendo exposta. Essa postura reflete um entendimento mais sutil das relações de gênero, na qual a identificação não é um problema de "ou isso ou aquilo", mas uma vivência mais fluida. O uso da palavra "depende" indica que ela considera opções e não se sente à vontade para se enquadrar em uma escolha específica. A forma como a narradora responde, apresentando alternativas como "gosto de verde", evidencia que ela não se restringe às escolhas convencionais, comumente ligadas a meninas ou meninos. Essa imposição de papéis de gênero reflete o que Pierre Bourdieu (2012) argumenta em *A Dominação Masculina*:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual ela se funda. Essa construção social das diferenças entre os sexos é naturalizada e aceita como uma verdade óbvia, o que perpetua as formas de dominação de forma sutil e quase imperceptível (Bourdieu, 2012, p. 18).

O que Bourdieu (2012) aponta é a maneira insidiosa como a sociedade constrói e reforça essas normas de gênero. Elas são apresentadas como verdades inquestionáveis, tornando-se "naturais", a ponto de serem transmitidas e reforçadas mesmo por crianças. Celoí, por exemplo, é apenas uma das crianças que internalizam e reproduzem essas noções como se fossem

indiscutíveis. A criança reproduz normas opressivas sem ter total consciência disso, apenas imita o que vê e aprende ao seu redor.

Na passagem em que a narradora interage com Flor, observa-se claramente como Flor lida com os preconceitos que a cercam, mesmo sem confrontá-los diretamente como se vê. A cena mostra a narradora, ainda criança, expressando confusão sobre os comentários preconceituosos que ouviu da amiga Celoí.

Pequena, por que está com essa carinha triste? Porque a Celoí acha que eu estou doente também, que eu tenho o mesmo que a senhora. Arrastei os tênis no cascalho. Ela se agachou e colocou a mão na minha testa, como se para conferir alguma febre. Bobagem, tu tá ótima. Não há nada de errado contigo (Polesso, 2015, p. 63).

Essa interação revela a consciência de Flor sobre o preconceito que sofre, especialmente na maneira como a criança projeta suas inseguranças. Ao ser vinculada à imagem de uma "doente", Flor não se altera, mas tenta tranquilizar a narradora, demonstrando uma espécie de indiferença e aceitação da situação. Ao invés de questionar o rótulo ou esclarecer à criança a natureza do preconceito que a envolve, ela opta por minimizar o impacto da afirmação de Celoí. A forma como Flor responde à preocupação da narradora pode ser interpretada como um reflexo de sua própria experiência em lidar com a marginalização.

A resposta de Flor ao verificar a temperatura da narradora e afirmar que 'tu tá ótima' revela também uma recusa da ideia de doença. Ao desconsiderar a possibilidade de febre, Flor transmite que não há nada errado ou fora do normal com a menina, afastando qualquer associação negativa ou preocupante. Esse gesto pode ser interpretado como uma forma de afirmar que sua própria condição não envolve doença, normalizando sua diferença aos olhos da criança. Ao declarar que a narradora está ótima, ela não apenas valida os sentimentos da narradora, mas também tenta criar um espaço de conforto, sugerindo que não há motivo para preocupação. Essa atitude pode ser vista como uma forma de defesa ou de uma proteção emocional, uma vez que Flor evita o embate direto e opta por acolher a criança que ainda não percebe, ou não sabe, que se trata de uma reprodução do preconceito.

Essa experiência revela como a ligação entre a informação recebida e a compreensão da criança pode gerar um impacto significativo na maneira como ela percebe o mundo, principalmente na formação de suas ideias sobre identidade e normas sociais. Segundo Ramos (2013), a infância é uma fase marcada pela construção social progressiva, onde os investimentos culturais feitos pelos adultos moldam a identidade da criança e determinam comportamentos e percepções aceitáveis. No conto, essa visão infantil, ainda livre dos julgamentos normativos, permite que a narradora observe Flor com uma abertura e curiosidade não vistas nos adultos ao

seu redor, evidenciando como as normas de gênero são impostas gradualmente, limitando a percepção de mundo e as relações de afeto.

Na história, a narradora observa e assimila as atitudes e comportamentos dos adultos à sua volta, mesmo que não compreenda plenamente o que eles significam. Ao ouvir a palavra “machorra”, e perceber a reação desconfortável dos adultos, ela passa a sentir que tem algo errado em ser ou parecer como a Flor, mesmo sem entender exatamente o motivo.

A falta de clareza e a evasão dos próprios adultos ao explicar o que significa o termo faz com que a menina queira descobrir, por ela mesma, o significado da palavra “no outro dia, fiquei plantada no muro para ver se a encontrava e, quando ouvi as alpargatas arrastadas se aproximando, me estiquei mais ainda por cima da cerca” (POLESSO, 2015, p. 58). No entanto, esta busca foi limitada pela sua inocência e falta de orientações claras, levando a mal-entendidos e confusão sobre o significado da palavra. Ela foi levada a associar a uma doença e, embora a ideia esteja errada, mostra como as crianças preenchem as lacunas de sua compreensão com base em informações incompletas ou distorcidas dos adultos.

Esse comportamento pode ser visto como uma estratégia para evitar discussões que são percebidas como desconfortáveis ou desafiadoras aos padrões estabelecidos. Os adultos, muitas vezes, estão reforçando um tabu, que se perpetua nas gerações seguintes, quando decidem ignorar ou não responder a perguntas de crianças sobre temas como amor entre pessoas do mesmo sexo, identidade de gênero ou até mesmo sexualidade. A narradora internaliza essa visão restritiva ao perguntar para a amiga Celoí se gostava mais de “boneca ou de carrinho” e, ao responder que depende, ouve a resposta categórica: “Então tu é machorra” (POLESSO, 2015, p. 62). Esse rótulo é introduzido como algo negativo e com uma carga pejorativa, reforçando estereótipos e preconceitos, mesmo que a menina não entenda seu pleno significado.

Frequentemente, esses temas são considerados inadequados ou complexos para o entendimento infantil, são relegados ao silêncio, como se fossem conversas que não devem ocorrer na presença de crianças. O silêncio ou as justificativas discriminatórias apenas intensificam os estereótipos, e a curiosidade infantil é vista como algo a ser negligenciado ou distorcido. Este cenário de desinformação impede que as crianças adquiram uma perspectiva mais abrangente sobre identidades e relações humanas, perpetuando perspectivas restritas e discriminatórias.

A ausência de um diálogo transparente sobre identidade de gênero e sexualidade provoca um vazio que as crianças preenchem com suposições fundamentadas nos preconceitos e estereótipos que percebem ao seu redor. Quando os adultos evitam discutir abertamente essas questões, as crianças acabam construindo suas próprias interpretações, influenciadas pelas

normas sociais que presenciam. Sem um direcionamento apropriado, elas absorvem conceitos distorcidos que, frequentemente, intensificam os preconceitos e as desigualdades já presentes no contexto em que residem.

Ao perceber que a palavra "machorra" está associada a algo negativo, a menina começa a reproduzir essa ideia sem compreender totalmente o significado por trás dela. Ela aprende que características como gostar de atividades consideradas "masculinas", como brincar de carrinho ou preferir a cor azul ou rosa, ou comportamentos que fogem às expectativas tradicionais de feminilidade, como não se identificar com papéis de gênero rígidos, são vistas como "erradas" ou "ruins". Assim, mesmo sem entender plenamente o contexto, ela internaliza a ideia de que desviar-se das normas de gênero é algo a ser evitado ou rejeitado.

Mesmo diante do preconceito dos adultos, a menina demonstra empatia ao decidir levar flores para Flor, evidenciando sua resistência ao julgamento imposto pela sociedade. A menina não se deixa influenciar pela desaprovação generalizada, que se baseia, principalmente, na aparência e no comportamento de Flor, que não correspondem às normas tradicionais de gênero. Para os adultos, a aparência com aspectos associados ao masculino, assim como o estilo de vida de Flor, simboliza uma transgressão aos papéis de gênero esperados, e, por isso, eles a evitam.

A desaprovação que Flor enfrenta não se restringe a ela enquanto indivíduo, mas ao que ela representa – a quebra dos padrões e a ameaça a um sistema social. Assim, Flor encarna a possibilidade de uma vivência que não se conforma às expectativas tradicionais, o que gera desconforto e resistência por parte dos que desejam manter a ordem estabelecida. Esse comportamento revela a dificuldade da sociedade em aceitar a diversidade de expressões de gênero, e a empatia da menina contrapõe diretamente com o preconceito dos adultos, destacando a abertura infantil para aceitar o "diferente" antes de ser socialmente moldada a rejeitá-lo.

Em uma sociedade na qual o papel da mulher é rigidamente definido, Florlinda, ao não seguir esses papéis tradicionais e ao adotar um comportamento que não se encaixa nas normas esperadas, representa uma ruptura com o que a sociedade considera apropriado para o feminino. Assim, sua presença e comportamento desafiam a visão tradicional de feminilidade, o que leva a uma desaprovação generalizada entre aqueles que ainda sustentam e valorizam essas normas de gênero.

Flor adota uma postura de passividade, não questionando as situações que se desenrolam ao seu redor. Quando a narradora menciona que sua mãe a chamou de doente, Flor não reage, não confronta a ideia e não tenta explicar ou desmentir essa percepção equivocada. A sua postura demonstra uma aceitação silenciosa do contexto em que se encontra, como se a opinião

alheia não a impactasse diretamente. Essa falta de reação demonstra uma personagem que simplesmente "existe", sem procurar se adequar ou questionar as regras sociais que lhe são impostas. Flor não parece tentar justificar sua presença, tampouco faz esforços para mudar a percepção alheia, o que pode ser visto como uma forma de distanciamento, não necessariamente uma resistência consciente ou ativa, mas uma vivência que escapa das expectativas e pressões sociais sem que ela mesma se preocupe em confrontá-las.

Além disso, a narrativa ressalta como a visão infantil é formada pela influência dos adultos ao seu redor. A forma como a criança assimila expressões de preconceito, como a utilização do termo "machorra", evidencia a falta de um diálogo aberto sobre questões de gênero, sexualidade e identidade. As respostas evasivas e a ausência de explicações claras por parte dos adultos criam um espaço de desinformação, onde a curiosidade infantil é desconsiderada e substituída por ideias distorcidas. Ao presenciar a rejeição de Flor, a criança aprende, mesmo que inconscientemente, que fugir do que é considerado convencional é algo a ser evitado. Essa internalização de preconceitos prejudica não apenas a formação da identidade da criança, mas também perpetua uma cultura de silêncio e desinformação que limita a capacidade de questionar e desafiar as normas sociais. Esta análise mostra que a maneira como os adultos abordam e reagem às questões da infância não só influencia a percepção das crianças acerca da diversidade, mas também afeta suas futuras relações com identidades que não se alinham às normas socialmente estabelecidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a construção da personagem Flor no conto “Flor, Flores e Ferro Retorcido”, de Natália Borges Polezzo, considerando as discussões acerca de gênero e sexualidade e as influências sociais desde a infância. A análise revelou que a personagem Flor é apresentada de forma a questionar as normas convencionais de gênero, porém sem enfrentamentos ou questionamentos diretos dessas expectativas. Essa representação permite uma reflexão sobre como as crianças, em particular, assimilam as normas sociais vigentes, internalizando padrões de comportamentos que moldam sua identidade sem o devido questionamento.

A perspectiva teórica baseada em autores como Judith Butler e Pierre Bourdieu foi crucial para entender o gênero como uma criação social. Estes teóricos ressaltam que as percepções de gênero são moldadas pelo ambiente familiar e social, o que se manifesta na maneira como as interações diárias criam regras que são vistas como inatas. A análise do conto

de Polesso evidenciou que as influências sociais interferem nas percepções de identidade desde a infância, de forma sutil e, frequentemente, inconsciente. No conto, assim como na sociedade ali retratada, o preconceito contra Flor não é explicado ou justificado explicitamente, porque ele está naturalizado social e culturalmente. A justificativa subjacente para esse preconceito é a convenção social e a necessidade de controle sobre os corpos e comportamentos das pessoas, visando manter um padrão que assegure a dominação masculina.

Essa naturalização do preconceito atua como um mecanismo para reforçar as normas de gênero de forma subentendida, em que indivíduos que não se ajustam ou não se conformam, como Flor, são marginalizados de maneira automática. O controle social do que é ou não aceitável não requer uma intervenção direta para se manifestar, já que está enraizado nas expectativas cotidianas. A falta de esclarecimentos ou diálogos acerca da marginalização de Flor ilustra essa dinâmica silenciosa, na qual o preconceito persiste sem ser questionado, funcionando como um instrumento de pressão social destinado a estabelecer a "ordem" dentro da hierarquia de gênero.

Assim, é necessário lembrar que as normas de gênero são conjuntas de expectativas e comportamentos socialmente definidos que determinam como indivíduos de diferentes sexos devem se comportar, vestir-se e interagir na sociedade. Essas normas são moldadas por diversos agentes sociais, como a família, a mídia e as comunidades religiosas, além de serem transmitidas de geração para geração e se tornam parte integral da cultura, moldando e restringindo as possibilidades de expressão e identidade. O fato de tais normas terem sido repassadas ao longo dos anos como adequadas contribui para a perpetuação de ideias preconceituosas e para a manutenção de estruturas de poder desigual.

Quando o preconceito é amplamente compartilhado em uma sociedade, ele se torna normalizado e não é mais visto como algo que precise de justificativa. Muitas vezes, as pessoas aceitam esses conceitos como “verdades” simplesmente porque são repetidos e sustentados pelo grupo detentor de poder. Esse fenômeno resulta em uma cultura na qual o preconceito é mantido e raramente discutido, pois é considerado parte do modo como as coisas são. A falta de questionamento crítico e a aceitação passiva dessas ideias preconceituosas permitem que se perpetuem sem desafios significativos, solidificando a visão preconceituosa como uma norma estabelecida e invisível.

Por fim, pode-se afirmar que o trabalho cumpriu seu objetivo de evidenciar, por meio da literatura, tanto a influência das normas de gênero na construção da identidade quanto a possibilidade de subversão dessas normas. Ao analisar o conto pela perspectiva de uma criança ainda não condicionada a julgamentos heteronormativos, observa-se como a narrativa questiona

a compulsoriedade de tais normas e expõe novas formas de relação e compreensão. No entanto, é importante destacar que a pesquisa se restringe à avaliação de um único conto, indicando que pesquisas futuras poderão investigar outras obras ou escritores que tratem de temas semelhantes. Esta ampliação poderá ajudar a compreender de forma mais completa as dinâmicas de gênero nas narrativas atuais, expandindo a discussão sobre representatividade e diversidade nas obras literárias

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARVALHO, Julia Baerlocher; MELO, Mônica Cristina. A família e os papéis de gênero na adolescência. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 31, e168505, p. 1-15, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>. Acesso em: 03 out. 2024.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014.

POLESSO, Natália Borges. **Amora**. 1. ed. São Paulo: Não Editora, 2015. 256 p.

POLESSO, Natália Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Rev. Criação & Crítica**, Caxias do Sul, n. 20, p. 3-19, abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138653>. Acesso em: 5 ago. 2024.

RAMOS, Anne Carolina. **A construção social da infância: idade, gênero e identidades infantis**. *Revista Feminismos*, Salvador, v. 1, n. 3, p. 81-110, set./dez. 2013. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10993/26082>. Acesso em: 29 out. 2024.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. *Bagoas: Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, v. 5, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/1223>. Acesso em: 13 out. 2024.

TOFANELO, Gabriela Fonseca. A trajetória do feminismo na literatura de autoria feminina brasileira: espaços e conquistas. **IV SIES**, Maringá, p. 1-11, abr. 2015. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/593.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2024.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009.